



Nos fios da midiatização: um debate sobre a transformação da religiosidade umbandista religião ¹

Geovanne Patrick Martins Flores

Palavras-chave: comunicação; midiatização; religião; umbanda.

1 Introdução

A busca pelo sagrado acompanha a história da humanidade e sua civilização em diferentes óticas de práticas e crenças. A religião não é apenas o ato de reconectar o homem ao divino, como afirmava Lactâncio em sua obra *Instituições Divinas* (303-311), mas, como destaca Wilges (1994), estrutura-se em duplo sentido: por um lado, o “sentido real objetivo”, que seria um conjunto de valores, ritos e normas que norteiam a relação do indivíduo com o divino; e, por outro, a internalização dessa experiência como uma expressão do reconhecimento de dependência dessa relação e imposição do culto ao que é visto como divino e superior, sendo um “sentido real subjetivo”. Portanto, trata-se de algo que vai além da religião e sua institucionalidade, tornando-se necessário trazer luz a essa vivência subjetiva e individual.

A religiosidade manifesta-se de maneira subjetiva, sendo vivenciada de forma pessoal e autônoma. Para autores como Belloti (2004), trata-se da vivência de crenças e práticas religiosas que transcendem as estruturas organizacionais e permitem que o indivíduo estabeleça uma relação direta e singular com o sagrado. Como afirma Feitosa (2014), a religiosidade estaria vinculada à vivência, à postura de vida em pensar, sentir e

¹ Trabalho apresentado ao VII Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais. POSCOM-UFSM. Santa Maria, RS. ECA-USP. São Paulo/SP.



agir. Logo, torna-se possível, na dimensão da experiência religiosa, diferentes formas de vivenciar essa religiosidade.

Com o avanço dos aparatos tecnológicos característicos de uma sociedade globalizada e capitalista e com o intermédio das mídias (Cunha, 2014), vislumbram-se inúmeras possibilidades de interação entre sujeitos, tornando-se possível a construção de novos modos de relacionamento social e representações no espaço midiático, realizadas devido à midiatização (Limas e Oliveira, 2010 apud Sgorla, 2014, p. 77). Com isso, religiões que possuem seu modo de religiosidade centralizado numa noção de perpetuação dos ritos e construção de identidade através de um espaço físico precisam se adaptar. Exemplo disso são as instituições católicas. Ao investigar sites da Igreja Católica, Sbardelotto (2013) evidencia como tal instituição usa as plataformas online como uma possibilidade de vivência e expressão da religiosidade, permitindo novas formas de adaptação e ressignificação de ritos e práticas em ambientes digitais.

Essa adaptação também ocorre com a religião Umbanda. Como argumenta Santana (2021), o alastramento da pandemia de COVID-19, que causou uma crise mundial de saúde, intensificou em 2020 a presença de dispositivos tecnológicos nos terreiros umbandistas, justamente porque, nesse período, o vírus impediu as práticas religiosas nos terreiros. Com isso, os líderes religiosos e fiéis tiveram que buscar novas alternativas para sanar a necessidade de vivenciar a experiência religiosa (Santana, 2021). A partir dessa perspectiva, surge a seguinte questão: como a midiatização da religião transforma a experiência de religiosidade umbandista, antes centrada numa perspectiva territorialista, agora em um espaço digitalizado e sem barreiras físicas?

O objetivo deste artigo é investigar os impactos da midiatização da religião, especificamente no contexto da religião afro-brasileira Umbanda. Para isso, escolhemos um arcabouço teórico composto por diversos autores que versam sobre essas temáticas, com o intuito de, através de um debate teórico, buscar possíveis respostas para a pergunta. Essa problematização surgiu a partir dos estudos realizados para a elaboração do projeto de dissertação do autor deste artigo para a linha de pesquisa de Linguagens e



Tecnologias da Comunicação do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFRGS (PPGCOM), orientado pela Profa. Dra. Ana Paula da Rosa.

2. O grito do caboclo e o nascimento da religião Umbanda

A Umbanda por possuir em sua matriz elementos de diferentes tradições religiosas, como o catolicismo, o kardecismo, o budismo e o hinduísmo, a Umbanda constrói uma identidade única. Essa singularidade surge a partir da capacidade de renovar a interpretação de diversos símbolos, gerando novos significados e, assim, consolidando-se como uma nova religião. Nela, antigos símbolos e novos valores se integram, formando uma identidade própria e distinta (Cumino, 2019, p. 104).

Alguns autores consideram a umbanda como um sistema religioso com uma estrutura aberta (Negrão, 1996; Concone, 1987). Já outros entendem que, por possuir culto, ritual, sacerdote e oferenda, há um grau de organização (Zespo, 1946). Neste texto, entendemos a Umbanda como “uma religião constituída com fundamentos, teologia própria, hierarquia, sacerdotes e sacramentos” (Junior, 2014, p.19). Nela encontram-se fundamentos e ritualidades que exigem uma ordem de elementos que devem ser utilizados em determinadas fases da trajetória mediúnica dos pertencentes e que garantem a organização do espaço. Exemplo disso são as oferendas que são feitas pelos médiuns com o objetivo de agradar seus deuses e a hierarquia existente dentro dos terreiros que possuem o objetivo de definir papéis em que cada participante terá para exercer e, conseqüentemente, responsabilidades a cumprir.

Inúmeras são as explicações sobre o início da religião Umbanda no Brasil, nas quais afirma-se que ela teria começado antes de 1530 (Carneiro, 1936 apud Cumino, 2019). Aqui, tomamos como ponto de partida o mito de origem proposto por Brown (1985), que legitima o início da religião por meio dos relatos sobre a manifestação do Caboclo das Sete Encruzilhadas no médium Zélio Fernandino. Tal manifestação ocorreu em 15 de novembro de 1908, quando o jovem Zélio, de 17 anos, manifestou o Caboclo



em uma sessão espírita, após buscar ajuda para diversas crises mentais cuja causa nenhum médico conseguia identificar.

Essa manifestação espiritual era de um índio brasileiro que, ao ser questionado pelos presentes na sessão sobre o porquê de ouvirem as divagações de um espírito considerado por eles como “atrasado” social e culturalmente, respondeu que, a partir daquele momento, criaria a “Umbanda: Manifestação do Espírito para a Caridade”, um culto com atendimento gratuito que teria como objetivo ajudar e confortar todas as pessoas — independentemente de cor, raça, condição social ou credo (Junior, 2014). E assim foi feito. Desde então, a Umbanda vem sendo praticada em terreiros e tem como lema a caridade em prol de todos. Essa prática, geralmente restrita ao espaço dos terreiros, ampliam-se cada vez mais, uma vez que a Umbanda também está imersa na midiatização.

3. Um fenômeno chamado Midiatização

Comunicar-se é uma necessidade que fez com que nós, indivíduos sociais, pudéssemos desenvolver formas de interação com o mundo e com o outro. Usamos da oralidade e da escrita, por exemplo, como um processo de troca de informações e dessa forma perpetuamos um processo comunicacional. Com o surgimento de novas tecnologias como os smartphones, redes sociais, streaming e plataformas digitais de todos os tipos, o debate sobre ambientes midiáticos e atores sociais ganha complexidade dentro dos estudos de midiatização.

Para Gomes (2016), a midiatização é um conceito basilar para compreendermos a história dos meios e como eles acarretam em mudanças comunicativas na construção da cultura, da sociedade e de práticas sociais. Já Hjarvard (2014), entende a midiatização como uma teoria geral que permite conceituar o modo como as mídias implicam nas mudanças sociais e culturais. Em nossa ótica, a midiatização é um processo social recorrente da intensificação da presença das tecnologias na comunicação - sejam mídias tradicionais ou digitais - que refletem em mudanças significativas nas



relações dos indivíduos, gerando configurações na cultura e na sociedade como um todo.

Um aspecto interessante frente a mídiatização é que ela exhibe o desenvolvimento de fenômenos técnicos que acabam por se transformar em meios, inseridos de forma intensa e acelerada e que acabam por modificar processos sócio-técnicos-discursivos de produção, de circulação e de recepção de mensagens (Fausto Neto, 2009). Como consequência, numa sociedade em vias de mídiatização, ocorre a complexificação do papel do receptor que age de forma mais fervil na produção de mensagem, como bem pontua Lemes (2017). Como se num jogo de reconhecimento de novos papéis do emissor e receptor, abre-se, então, nos campos sociais, uma relação entre produção/recepção que passa sair de uma zona de passagem e gera novas formas de organizar e disputar discursos e sentidos (Fausto Neto, 2010).

Ambientes virtuais como o Youtube, permitem a ampliação da comunicação e, num contexto de isolamento social como o provocado pela COVID-19, líderes religiosos da Umbanda se viram diante da necessidade de mudanças significativas no modo de se pensar, de se comunicar e, até mesmo, de compartilhar suas doutrinas e conhecimentos ritualísticos através de vídeos na plataforma online. Esse compartilhamento passa a não se limitar apenas ao espaço físico mas, também, a se transmutar para outras esferas como o digital. Justamente porque o avanço das tecnologias e lógicas de mídia passaram a estar acessíveis para diferentes públicos, aproximando o consumidor do papel de produtor. É nesse atravessamento de evolução dos processos comunicacionais, intensificados por esses aparatos tecnológicos, que a Umbanda passa a vivenciar o que chamamos de mídiatização da religião.

4. Os fios da mídiatização da religião

A partir da década de 1990, instituições religiosas passaram a perpetuar uma disputa de discursos em veículos midiáticos, como jornais e programas evangelizadores, com o intuito de ampliar sua influência e conquistar novos fiéis. Cunha (2014) observa



que a Igreja Católica destinou recursos financeiros à televisão e ao rádio, posicionando-se frente a atores midiáticos já consolidados, como a Igreja Universal do Reino de Deus. Esse movimento reflete o impacto das transformações tecnológicas e do capitalismo global, que não apenas fomentam a criação de conteúdos voltados a nichos específicos (Cunha, 2014), mas também modificam práticas, sentidos e rituais dessas instituições.

Essa apropriação das lógicas de mídia pelas instituições religiosas nos meios de comunicação evidencia não só o caráter midiático da religião como, também, revela uma interdependência entre ambas. Ao serem inferidas por práticas socioculturais características de uma sociedade em midiatização, a religião passa a se moldar por essas lógicas, configurando suas formas litúrgicas, suas práticas ritualísticas e a maneira como difunde sua teologia. Dessa forma, religião e mídia moldam-se entre si em uma espiral coevolutiva e coletiva. (Sbardelotto, 2014). Essa articulação complexa dos sentidos, das formas, das ritualidades são característicos de uma midiatização da religião.

A midiatização da religião é “uma forma contemporânea de representação e vivência do religioso [...] poderia ser entendida como a articulação dos processos sociais - no caso, as concepções e práticas religiosas - com o ambiente midiático ao redor” (Martino, 2016, p. 145). É com ela que temos múltiplas concepções religiosas que garante ao religioso a pluralidade de formas de interpretações simbólicas que modificam os valores e expandem entendimentos da doutrina difundida pelas instituições.

Com a presença das mídias digitais sociais nos processos comunicacionais, Sbardelotto (2014) salienta uma “midiatização digital da religião”, onde os avanços tecnológicos possibilitam novos ambientes de interação do religioso com a doutrina e, conseqüentemente, permite a modificação dos processos comunicacionais dessas instituições fazendo com que a mesma torne-se uma religião pública onde as instituições perdem seu protagonismo no estabelecimento de crenças e práticas religiosas.

Indícios dessa midiatização digital da religião manifestam-se em portais e sites de doutrina Umbanda, que ofertam amplos conhecimentos teológicos e ritualísticos através de cursos EAD e streaming de filmes e documentários, permitindo aos fiéis a



autonomia de conhecimento teológico. Essa nova forma de difusão teológica conectada possibilita que religiões antes vinculadas a uma lógica territorial, como a Umbanda, passem a ampliar seus horizontes teológicos e reconfigurar seus processos comunicacionais. Para evidenciar esse processo, neste artigo propomos apresentar algumas iniciativas que dão pistas desta transformação da religiosidade umbandista a partir da observação do sites/perfis de Alan Barbieri e Adérito Simões.

Referências

BELLOTTI, Karina Kosicki. Mídia, religião e história cultural. **Revista de Estudos da Religião**, 2004. Disponível em: https://www.pucsp.br/rever/rv4_2004/t_bellotti.htm. Acesso em: 26 fev. 2022.

BROWN, Diana. **Umbanda e política**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1985.

CARNEIRO, Edison. **Religiões negras: notas de etnografia religiosa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1936.

CONCONE, Maria Helena Vilas Boas. **Umbanda: uma religião brasileira**. São Paulo: FFLCH/USP-CER, 1987.

CUMINO, Alexandre. **História da Umbanda: uma religião brasileira**. São Paulo: Madras, 2019.

CUNHA, Magali do Nascimento. Interseções e interações entre mídia, religião e mercado: um objeto dinâmico e instigante. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 12, n. 34, p. 284-289, abr./jun. 2014. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2014v12n34p284>. Acesso em: 23 fev. 2022.

FAUSTO NETO, Antônio. "A midiatização produz mais incompletudes do que as completudes pretendidas, e é bom que seja assim". In: *Midiatização: um modo de ser em rede comunicacional*. **IHU On-line**, São Leopoldo, n. 289, p. 16, 2009. Disponível em: <https://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao289.pdf>. Acesso em: 5 mar. 2022.



FAUSTO NETO, Antônio. **As bordas da circulação**. Alceu, Rio de Janeiro, v. 10, n. 20, p. 55-69, jan./jun. 2010.

FEITOSA, Carla Valéria da Costa. **Religiosidade on-line: entre a produção da fé e o olhar estético**. 2014. 139 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2014.

GOMES, Pedro Gilberto. **Miatização: um conceito**, múltiplas vozes. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 23, n. 2, p. 1-16, mai./ago. 2016. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/22253/14176>. Acesso em: 5 mar. 2022.

HJARVARD, Stig. **A miatização da cultura e da sociedade**. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2014.

JUNIOR, Ademir Barbosa. **O livro essencial de Umbanda**. São Paulo: Universo dos Livros, 2014.

LEMES, Eduarda Schneider. **A miatização manifesta na comunicação entre adolescentes: condições interacionais da aprendizagem para uma sociedade em miatização**. 2017. 150 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2017. Disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/6544>. Acesso em: 5 mar. 2022.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Miatização da religião e estudos culturais: uma leitura de Stuart Hall**. **Matrizes**, São Paulo, v. 10, n. 3, p. 145-162, set./dez. 2016. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/download/124655/121884/236753>. Acesso em: 23 fev. 2022.

NEGRÃO, Lísias Nogueira. **Entre a cruz e a encruzilhada**. São Paulo: Edusp, 1996.

SANTANA, Maurício Ferreira. **Giras on-line: Umbanda reconfigurada**. **Tempo da Ciência, Toledo**, v. 28, n. 55, p. 109-121, jan./jun. 2021.

Sbardelotto, Moisés. **E o verbo se fez bit: a comunicação e a experiência religiosas na internet**. São Paulo: Paulinas, 2013.

SBARDELOTTO, Moisés. **Religião pública: desdobramentos da miatização da religião na cultura digital**. **Tear Online**, São Leopoldo, v. 3, n. 1, p. 73-86, jan./jun. 2014.



**Anais de Resumos Expandidos
VII Seminário Internacional de Pesquisas
em Mídia e Processos Sociais**

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 7 (2025)

SGORLA, Fabiane. **Complexificação da zona de contato na ambiência midiática: um estudo da interação do Jornal Nacional com os receptores na fan page no Facebook.** 2015. 227 f. Tese (Doutorado) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2015.

WILGES, Irineu. **Cultura Religiosa: as religiões no mundo.** Petrópolis: Vozes, 1994.

ZESPO, Emanuel. **Codificação da lei da Umbanda.** 2. ed. Rio de Janeiro: Espiritualista, 1960.